

## **JÁ FUI UM CAMPEIRO** ( João Henrique Cunha/Negrinho Cunha)

Escuta este chasque, vivente:  
Eu já fui um campeiro  
Retrato deste pago altaneiro  
Recanto que sempre quis  
Meus olhos carregam a matiz  
Hoje já é muito diferente  
Onde a maioria de nossa gente  
Desfaz destes viventes de bem  
Esquecem que todo gaúcho tem  
No campo sua vertente

Caminhava em campo aberto  
A chuva refrescava o lombo  
Corria, pulava, caia uns tombo  
Sentia a natureza viva  
O piar faceiro das tirivas  
O urro agoniante dos bugios  
Ate que gostava de sentir frio  
Cansaço, sede e calor  
Tristeza, ódio e amor  
Por coisas que ninguém viu

Já levantei no clarear  
Pra me aquecer no borralho  
E de talho em talho  
Mastigava algum miúdo  
A peonada, mesmo sem estudo  
Mas com saber grandioso  
Ensinavam os mais novo  
O que não se aprende mais  
Ali, todos eram iguais  
Muito respeito, sem retovo

Já pisoteei geada  
No inverno rigoroso  
Como todo guri teimoso  
Metido a facão sem cabo  
Me largava desatinado  
Nem calçava as botina  
Negaciava a leiteira brazina  
Que estercava pra todo lado  
E eu c'os pés encarangado  
Largava esterco quente por cima

Coisas de guri arteiro  
Co'a inocência do interior  
Mas lá, tudo tinha sabor...  
Até goiaba abichada  
Ah, os pinhão em sapeca

Com a o apoio da brazina  
O doce olhar das menina  
Recebido sem maldade  
Coisas que hoje na cidade  
Se perderam nas esquinas

As tropas de osso e sabugo  
Sempre fui grande fazendeiro  
Minhas posses iam do terreiro  
Até debaixo do arvoredos.  
Nada me botava medo  
Fora umas caranguejeiras  
Que ultrapassavam as porteiras  
Talvez pra devorar meu "gado"  
Fazer o que? -eu assustado  
la-me ao galho da macieira

Peleia? -isso sempre tinha  
Principalmente c'os irmãos  
Guri não aceita intromissão  
De alguém do mesmo ninho  
O grande ou o pequenininho  
O redomão ou o potro  
É o ditado em verdade envolto:  
-"enquanto mulher parir e égua der cria  
Não há de chegar o dia  
Que um seja mais macho que outro"

Mas, com pais e avós  
Um profundo respeito  
Não se respondia de qualquer jeito  
D'outra forma o pau comida.  
Reconheço hoje em dia  
Que era pro meu bem  
Pra não crescer como alguém  
Que não tem valores  
Destes que andam nos corredores  
E que não valem um vintém.

Sabia das lidas campeiras  
Encilhava com jeito  
Bacheiro, arrio, chinha no peito  
Pra não escorrer pras "viria"  
Pelego arrumado com maestria  
Badana, sobre-chinha apertada  
Bucal, freio de rédea fechada  
E um doce braças nos tentos  
Pesado pra cortar o vento  
E não enrolar a armada

E laçava! -lá no meio do campo  
Não como hoje, nos rodeio  
Onde é só correr pelo meio  
Reboleando lacinho chumbado  
E esperar o gado treinado  
Meta a guampa na armada.  
Lá a lida era mais pesada  
Não podia perder a vez  
Laçar, depois derrubar a res  
Terminar o serviço na invernada.

Eu também peleava  
Vem simples, assim na corrida  
A pequena armada estendida  
Por entre as quatro patas  
E puxando como quem desata  
Era o bicho no chão, esperneando  
Logo tinha um “acarcando”  
Outro na faca, já castrava...  
Depois a marca em brasa  
Deste jeito se ia peleando.

Nos dias de chuva  
O trabalho era no galpão  
Debulhar milho, varrer o chão  
Tirava uns tentos pro trancado...  
Um pouco do aprendizado  
Que ainda trago na memória  
Isto pra mim, é uma glória  
É tudo de muito valor  
Se hoje sou um batalhador  
Devo tudo a minha história

Por isso, vivente, repito:  
Já fui campeiro nesta vida.  
Não quero que tenha esquecido da lida  
Ou que não goste mais  
Queria estar lá com meus pais  
Sobrevivendo da terra  
Travando diariamente a guerra  
Contra o abandono governamental  
Eles estão mantendo o ideal  
Que seu peito gaúcho encerra.

É que a mim, nesta vida  
O sustento apareceu na cidade  
É onde eu tento viver a verdade  
Com honra e valentia  
Não é onde eu queria  
Mas tenho desejo verdadeiro:  
Me dedicar de tempo inteiro  
Pra não terminar a vivencia

Sem retornar a querência  
E ser de novo, um campeiro.